

O ENTRECruzAMENTO DA MINEIRIDADE E DA IDENTIDADE BRASILEIRA NAS MEMÓRIAS DO MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ: UNIDADE OU DISPERSÃO NOS ENUNCIADOS JORNALÍSTICOS¹

Angela de Aguiar ARAÚJO (UNIRIO / CAPES)²

RESUMO: O foco desta análise está no modo como representações da Campanha das Diretas Já, retiradas do discurso jornalístico, são atravessadas pelo imaginário da mineiridade e da identidade brasileira. Esse movimento social reivindicou eleições diretas durante a ditadura militar no Brasil, nos anos 1980. Utilizando-se o referencial teórico da análise de discurso (escola francesa), este trabalho buscou demonstrar o deslocamento de sentidos e a heterogeneidade do discurso. As estratégias enunciativas em análise contribuem para o efeito de unidade, mas não deixam de revelar a dispersão de sentidos que atravessam as concepções de mineiridade e de identidade brasileira.

Palavras-chave: análise de discurso, jornalismo, heterogeneidade, mineiridade, identidade, campanha das Diretas Já

ABSTRACT: The focus of this analysis is in the way as the representations of the Campanha das Diretas Já, removed from journalistic discourse, are crossed by the imaginary of the mineiridade and Brazilian identity. This social movement demanded direct elections during the military dictatorship in Brazil, in years 1980. Using the theoretical referencial of the discourse analysis (french school), this paper searched to demonstrate the displacement of meanings and the heterogeneity of the discourse. The enunciative strategies in analysis contribute for the unit effect, but they do not leave to disclose the dispersion of meanings that they cross the conceptions of mineiridade and Brazilian identity.

Key-words: discourse analysis, journalism, heterogeneity, mineiridade, identity, Campanha das Diretas Já

1. Introdução

O foco desta análise está no questionamento de como o discurso jornalístico se apropria de formações imaginárias sobre o mito da mineiridade e sobre a identidade nacional brasileira ao disseminar representações sobre a Campanha das Diretas Já. Esse movimento reivindicou eleições diretas ao final da ditadura militar no Brasil, nos anos 1980.

Utiliza-se o referencial teórico-metodológico da análise de discurso (AD) de vertente francesa e de seu desdobramento na vertente brasileira. Tomou-se como base as formulações propostas por Authiez-Revuz e por Orlandi para o conceito de heterogeneidade com o intuito de compreender que toda fala é atravessada por discursos outros. Authiez-Revuz desenvolve os conceitos de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada para a delimitação das formas da palavra do outro no interior do discurso um. A heterogeneidade, na perspectiva defendida por Orlandi, remete à incompletude do texto, embora esta seja encoberta pela ilusão de se ter um objeto acabado.

A partir desses desdobramentos da noção de heterogeneidade, verificou-se o funcionamento discursivo em publicações do período da abertura política e de duas décadas depois. Com o recorte temporal, buscou-se demonstrar como sujeitos e sentidos (se) significam no deslizamento entre o mesmo e o diferente, no confronto entre o simbólico e o político.

Percebe-se que o mito da mineiridade oferece um modelo de identificação baseado na conciliação política, unindo formações imaginárias em torno das idéias de equilíbrio e de moderação. As publicações analisadas são

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Memória Social – Linhas de Pesquisa Memória e Linguagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), inserida no Projeto Representações do Discurso Midiático, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira, financiado pelo CNPq e Capes.

² E-mail: angela.jornalista@gmail.com

atravessadas pelo enunciado “Brasil, um país do futuro” e pelos imaginários do mito da mineiridade e do caráter pacífico do povo / nação brasileiro(a).

2. A heterogeneidade no quadro de reelaborações da AD.

A difusão da noção de heterogeneidade foi impulsionada principalmente pelos estudos da lingüista da enunciação e analista do discurso Authier-Revuz, na França. Com as suas formulações, crescem as interpretações, no contexto da vertente francesa da AD, de que todo discurso é atravessado por outros discursos; ou seja, numa relação com a exterioridade³, os sentidos são sempre referidos a outros sentidos. Nessa perspectiva, os sentidos se constituem necessariamente em relação *a* e a alteridade é vista a partir da abertura do simbólico.

O estudo apresentado por Pêcheux (1997), filósofo considerado um dos fundadores da vertente francesa nos anos 1960, permite situar a importância de Authier-Revuz no quadro teórico da AD, subdividido em três épocas, como será descrito na seqüência.

Os primeiros estudos da AD focavam os discursos políticos mais estabilizados. A análise era feita por um método composto por etapas bem definidas. Com forte influência do desenvolvimento da informática e do estruturalismo, essa teoria via o processo discursivo como resultante de “máquinas estruturais discursivas”, cada uma delas sendo idêntica e fechada em si mesma: “o outro da alteridade “empírica” se reduzia ao mesmo, à repetição”, alcançável pelo jogo parafrástico a partir da frase.

A segunda fase será marcada pelo conceito, proposto por Michel Foucault, de formação discursiva (FD), dispositivo que expande a noção de “máquinas discursivas”. A alteridade será concebida no interior das FDs, cabendo ao analista descrever a dispersão entre elas. O discurso concebido com base nessa noção foucaultiana está ligado ao conjunto de enunciados no interior da mesma formação discursiva. Cada FD preserva uma identidade e a alteridade está circunscrita no interior de cada uma, já que elas são independentes entre si. Desponta aqui a noção de interdiscurso pela presença de um já-dito, um pré-construído que atravessa toda FD.

Authier-Revuz influenciará a terceira fase quando a análise por etapas e a idéia de estabilidade serão totalmente ultrapassadas. Com a heterogeneidade enunciativa, a alteridade não será mais compreendida como circunscrita no interior de uma FD, constituída de forma independente para depois ser posta em relação a uma outra FD. O que ocorre, ao contrário, é que as FDs se constituem umas em relação às outras. A noção de FD é reformulada com o reconhecimento, por Pêcheux (1990), da possibilidade de alteração de sentido na passagem de uma FD a outra. É no interior do interdiscurso que os discursos se encontram na relação com os outros discursos.

3. Desdobramentos do conceito de heterogeneidade

Destacar a heterogeneidade como foco de análise teórica requer o reconhecimento de diversos sentidos associados a essa noção nos estudos dos enunciados discursivos ao longo das últimas décadas. Não se pretendeu esgotar neste artigo as descrições atribuídas a esse conceito nas diversas teorias que, muitas vezes, acabam por banalizá-lo pela excessiva utilização ou por tratá-lo como uma evidência sem problematizá-lo.

Optou-se, ao contrário, por apresentar uma reflexão a partir de um recorte. Pretendeu-se demonstrar a importância desse conceito tomando como base a perspectiva da AD. Dessa forma, foram focadas as formulações de Jacqueline Authier-Revuz e de Eni Orlandi pelo papel de ambas na constituição do campo da AD de onde foram retiradas as noções de heterogeneidade para este estudo.

Authier-Revuz (2004) descreve os conceitos de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada como estratégia para a delimitação das formas do outro no interior do discurso um. O primeiro é apresentado como sendo a “ancoragem, necessária, no exterior do lingüístico”. Servem como base para a sua formulação as noções de inconsciente, tomada emprestada da psicanálise, e de interdiscurso, que remete à memória do dizer.

Já o conceito de heterogeneidade mostrada está associado às marcas lingüísticas da presença do outro no fio discursivo. Esse conceito se subdivide em marcada (discurso direto, discurso indireto, glosa, ilha textual, aspas, itálico, entonação, etc.) e não-marcada (ironia, discurso indireto livre, etc.). Pela possibilidade de

³ Cabe uma ressalva já que, ao contrário do que postula outras correntes teóricas, a exterioridade é vista pela escola francesa de AD como constitutiva da linguagem.

delimitação das marcas lingüísticas, julgamos ter controle da fala pela delimitação daquilo que é de um e daquilo que é do outro. Para Authier-Revuz, isso apenas reforça a ilusão do sujeito origem do seu dizer.

Ainda há o que Authier-Revuz chama de “negociação” do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva. A existência de um ponto em deriva marca o limite a partir do qual o lingüístico se diluiria e só seria possível o acesso pelo retorno, pela via da heterogeneidade mostrada, daquilo que está retido no interdiscurso e no inconsciente, como no caso do lapso ou do sonho que apontam para a fratura do sujeito centrado cartesiano.

Outra descrição possível para a heterogeneidade é traçada por Orlandi (2004: 56), para quem o conceito remete à incompletude do discurso:

Nesse sentido que falei – mesmo antes de conhecer os trabalhos de J. Authier (1984) – em heterogeneidade do discurso (E. Orlandi e E. Guimarães, 1988). Nesse trabalho já propúnhamos que se considerasse a relação proporcional texto : discurso : autor : sujeito, como uma relação que se fazia da unidade para a dispersão (e vice-versa), no sentido de produzir uma relação consistente entre linguagem e história.

Assim, Orlandi destaca que, “determinado por sua exterioridade, todo discurso remete a outro discurso, presente nele por sua ausência necessária” (ORLANDI, 2004: 30). Para a teórica, o sentido constitui-se no encontro de dois, na *relação a*. Dessa forma, o conceito de heterogeneidade está associado à diferença quanto à natureza dos materiais simbólicos (imagem, grafia, som), à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, etc.), às posições dos sujeitos e às distintas formações discursivas. Entretanto, há a aparência de unidade na constituição do sujeito e na materialidade do sentido, o que situaria o sentido da heterogeneidade no movimento entre a dispersão e a unidade.

Ao demarcar a heterogeneidade, o analista do discurso está diante do que Orlandi (1988) descreve como o jogo que “trata do próprio modo como a dispersão e a unidade jogam na constituição da textualidade. Trata-se desta vez de se considerar a unidade na dispersão: de um lado, a dispersão dos textos e a dispersão do sujeito; de outro, a unidade do discurso e a identidade do autor. As dicotomias são pois: texto / discurso, sujeito / autor”.

Se por um lado as formulações de Orlandi e de Authier-Revuz não se sobrepõem quanto ao dispositivo de análise e ao entendimento do que seja o conceito de heterogeneidade, há um ponto de encontro entre as duas propostas. Ao entenderem o discurso como o efeito de sentido, elas se afastam das perspectivas teóricas que interpretam o discurso como algo homogêneo e fechado em si mesmo, e trabalham uma perspectiva de análise em que o sentido está necessariamente em uma *relação a*, pela incompletude do dizer. Portanto, para Authier-Revuz a tarefa de delimitar a heterogeneidade se concretiza nas marcas do outro no fio discursivo, enquanto para Orlandi nas várias posições do sujeito ao ocupar diferentes formações discursivas.

4. A heterogeneidade no discurso jornalístico: a mineiridade e a identidade brasileira

Tendo em vista as reflexões sobre o conceito de heterogeneidade, buscou-se compreender como o enunciado “Brasil, um país do futuro” atravessa o discurso jornalístico. Para tal, utiliza-se o *corpus* analisado em projeto⁴ desenvolvido no curso de mestrado destinado ao estudo da memória da Campanha das Diretas Já.

A análise parte de projetos⁵ dos jornais *Folha de S. Paulo* (com o livro publicado em 1984 a partir da cobertura do movimento social) e *O Tempo* (com caderno especial publicado em 21 de abril de 2005, aniversário de 20 anos de morte de Tancredo Neves, presidente eleito pelo Congresso Nacional ao final da ditadura militar brasileira). O lapso de tempo foi um dos elementos para definição do *corpus*, pela possibilidade de análise de deslocamentos de sentido ao longo das duas décadas que separam as publicações.

Outro fator que contribuiu para a escolha foi o atravessamento dos discursos em análise pelo imaginário da mineiridade e pelo enunciado “Brasil, um país do futuro”. Nas duas publicações analisadas, há referência ao papel decisivo de Minas Gerais nesse período de transição da ditadura para a democracia. É o que se percebe na

⁴ O projeto desenvolvido curso de mestrado é *Nação, herói, País do Futuro. O discurso jornalístico como lugar de descoberta de memórias relativas à Campanha das Diretas Já*.

⁵ O *corpus* heterogêneo é composto pelo: a) Livro *Explode um novo Brasil. Diário de Campanha das Diretas* (1984) escrito pelo jornalista Ricardo Kotscho. A publicação resultou da cobertura realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo* da Campanha das Diretas. b) Caderno especial *20 anos sem Tancredo* publicado pelo jornal mineiro *O tempo*, em 21 de abril de 2005, data de comemoração da morte do presidente eleito ao final do regime militar.

epígrafe do livro publicado pela *Folha de S. Paulo*, onde há uma citação atribuída ao inconfidente Tiradentes, morto cerca de dois séculos antes do movimento das Diretas Já: “Se todos quisessem, poderíamos fazer deste grande País uma grande Nação” (KOTSCHO, 1984, 5). A epígrafe é seguida do título da introdução “Travessia da esperança”.

Vale lembrar que esse morto a quem se atribui autoria da citação é personagem que figurou (ainda figura em nosso imaginário?) como um herói da Inconfidência Mineira - movimento que inspira a inscrição na bandeira mineira: *Libertas quae será tamen / Liberdade ainda que tardia*. Apesar de atualmente ser alvo de críticas quanto aos sentidos construídos em torno de sua imagem ao longo da história do Brasil, Tiradentes mobiliza o imaginário sobre o papel de Minas Gerais no cenário político nacional, tendo inspirado não somente Kotscho, mas também muitos políticos: “O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade”, frase do discurso de posse de Tancredo Neves quando esse assumiu o governo mineiro, último cargo político ocupado antes de ser eleito presidente do Brasil e de falecer.

O imaginário sobre a mineiridade vem sendo alvo de análise de diversas perspectivas teóricas, como a sociologia, a geografia, a comunicação e a ciência política. Tal como é descrito pela socióloga Arruda (1999), o mito da mineiridade oferece um modelo de identificação a partir da imagem do político “hábil negociador”. Baseado na tradicional função ocupada por Minas no cenário nacional, o mito remete às seguintes idéias: a) conciliação política, unindo as noções de equilíbrio e de moderação; b) conciliação ligada à questão da unidade nacional, principalmente quando o cenário político é tomado por problemas mais espinhosos; c) permanência do poder do Estado através da neutralização das correntes diversas; d) etapa transicional necessária para ultrapassar as dissensões e para a construção do futuro promissor; e) mola fundamental para o entendimento entre o povo e o governante, entre a nação e o estado.

A figura do hábil negociador é associada pelo Jornal *O Tempo*, a Tancredo Neves. Apresentado como “herói da redemocratização”, a atuação do político é descrita como fundamental para unidade nacional e para um futuro da nação, como se percebe no recorte retirado do jornal *O Tempo* (2005)

Há 20 anos um homem exemplar chamado Tancredo Neves dizia adeus, despertando uma comoção popular como jamais se vira na História do Brasil. Depois de uma brilhante trajetória política, o hábil negociador pôs um ponto final na sua obra máxima: a transição da ditadura para o governo civil com sua eleição à Presidência da República pelo Colégio Eleitoral. Estava a horas de receber a faixa, símbolo da consagração de sua liderança, quando teve de ser hospitalizado às pressas e submetido a cirurgias que não suportou. Para revisitar a tragédia do maior herói da redemocratização do país no final do século passado, O TEMPO colecionou textos, entrevistas, depoimentos e fotos, documentos que compõem, com emoção, o retrato de um gênio na arte de perseguir a mais urgente das utopias – um Brasil mais justo para todos.

É importante ressaltar que, nos dois recortes apresentados, é possível depreender o enunciado “Brasil, um país do Futuro”, como uma promessa que se anuncia e, na medida em que não se cumpre, pode ser sempre atualizada. A promessa, entretanto, é anterior à transição vivida durante o período da Campanha das Diretas Já e da morte do mito “herói da redemocratização”. Possivelmente, antecede o inconfidente Tiradentes.

O enunciado “Brasil, um país do futuro” é título de obra publicada nos anos 1940 pelo biógrafo, ensaísta e romancista Stefan Zweig. Nascido em Viena, o escritor foi naturalizado inglês cerca de dois anos antes de sua morte, por suicídio, no Brasil. O livro, publicado em sua primeira versão durante a segunda guerra mundial, apresenta o Brasil em oposição ao caos vivido pela Europa, como pode se perceber no relato de Zweig (2006: 22-23):

Os governantes deste povo sempre se viram inconscientemente forçados a se adaptar a esse espírito de conciliação. Não foi acaso o fato de que – durante décadas, a única monarquia entre todos os países da América – o Brasil teve como seu imperador o regente mais democrático e mais liberal de todas as cabeças coroadas. E hoje, enquanto ditadura, conhece mais liberdades individuais e contentamento do que a maioria dos nossos países europeus. Por isso, é sobre a existência do Brasil, cujo único desejo é a construção pacífica, que repousam nossas maiores esperanças de uma civilização futura e de pacificação do nosso mundo devastado pelo ódio e pela loucura. Onde quer que forças éticas estejam trabalhando, é nosso dever fortalecer essa vontade. Ao vislumbrar esperanças de um novo futuro em novas regiões em um mundo transtornado, é nosso dever apontar para este país e para tais possibilidades. E por isso escrevi este livro.

A promessa de um novo futuro em novas regiões é anterior à decisão de Zweig escrever o livro e ao discurso da descoberta do Brasil. A promessa a ser cumprida traz consigo não somente “o espírito da conciliação”, mas associa ao povo brasileiro o caráter pacífico. É assim que Zweig (2006: 21) descreve o brasileiro: pacífico, apesar de toda a diferença entre raças e “embora muita coisa está apenas no começo ou em transição”.

No livro publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, é grande a incidência dos termos povo e manifestação na descrição do desenrolar da Campanha das Diretas. Entretanto, como a manifestação (festa-comício) é marcada pelo clima festivo de carnaval e de partidas de futebol, esvazia-se o sentido de confronto com o governo militar. O termo povo assume o caráter maleável capaz de abranger o diferente (a diferença/o excluído) da grande massa da população brasileira. A diferença não subtrai, mas soma dando peso ao movimento, seja pela inserção na Nação de 120 milhões de brasileiros, seja pela participação na multidão crescente de cidadãos reivindicando as eleições (e outros desejos) nos comícios ao longo do extenso território nacional. Ao povo em clima de otimismo rumo ao país do futuro se opõe o pessimismo da ditadura e da situação econômica do país. E, mesmo nos momentos mais tensos do movimento, afasta-se a possibilidade associar ao povo a ameaça de perda seu caráter pacífico.

No jornal *O Tempo*, há pouca ocorrência da palavra povo. Apesar da maior frequência do termo sociedade civil, ele está associado à condição de cidadão e afastado da trama política, tarefa que cabe aos políticos. A ênfase está na figura de Tancredo que, com sua habilidade na negociação política, soube promover o entendimento entre o povo e o governo, entre a Nação e o Estado. Sua competência teria sido o que permitiu o Brasil superar as tensões que marcaram o cenário político e social durante a transição da ditadura militar para a democracia: as disputas entre os grupos políticos (eleições diretas *versus* das eleições indiretas), os conflitos quanto à lógica de sucessão do presidente Figueiredo (continuidade do regime, negociação entre governo e oposição e ruptura com o governo militar) e a diversidade / desigualdade da população brasileira.

Como se percebe no jornal *O Tempo* o enunciado “Brasil, um país do futuro” ainda continuará sua viagem pela memória e a produzir seus efeitos de sentidos a partir de outros políticos mineiros. É o que promete o neto de Tancredo Neves, reeleito para segundo mandato ao governo de Minas Gerais, descrito pelo jornal mineiro como herdeiro do avô:

O Tempo: Que avaliação o senhor acredita que Tancredo faria da atual política brasileira?

Aécio Neves (...) Certamente ele estaria ainda com os olhos buscando aquela pátria com a qual ele sonhou, onde não haveria mais homens sem trabalho, sem teto... então, eu acho que o Brasil ainda está longe de ser o Brasil dos sonhos de Tancredo e dos sonhos de tantos brasileiros (*O Tempo*, 2005).

Essa parece continuar sendo a promessa, para a massa de brasileiros pacíficos, da jovem geração de políticos entre os quais se incluem os herdeiros do discurso da política de conciliação e da construção pacífica do “Brasil, um país do futuro”. E, enquanto isso, “os sentidos viajam em memória des-contínua” (Mariani, 1998).

5. Referências bibliográficas

ARRUDA, Maria A. N. **Mitologia da Mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1998) **As Palavras Incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo país. Diário de Campanha das Diretas**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais**. Rio de Janeiro: Revan, Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.). Análise de discurso. In: **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. vol.2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Terra à Vista. **Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo/Campinas, Cortez/Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. (Org.) **Gestos de Leitura**. Campinas. Ed. da Unicamp, 1994.

ORLANDI, E. P. & E. GUIMARÃES. Unidade e dispersão: uma questão do sujeito e do discurso. In: **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. Análise do Discurso: três épocas. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

Jornal *O Tempo*, caderno especial **20 anos sem Tancredo**, publicado em 21 de abril de 2005